



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum40.108.AO01>

Experiências laborais de catadores de materiais recicláveis de uma associação

Work experiences of recyclable material collectors from an association

Natalia Lopes Braga
Universidade de Fortaleza
<http://orcid.org/0000-0002-8619-7208>
nataliabraga1@gmail.com

Regina Heloisa Maciel
Universidade de Fortaleza
<http://orcid.org/0000-0003-2933-7021>

Ana Cláudia Freire Barreto Lima
Universidade de Fortaleza
<http://orcid.org/0000-0003-3563-4401>

Agradecimentos: À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela bolsa concedida à primeira autora durante a realização da pesquisa.

Resumo

Em função do aumento dos resíduos sólidos urbanos e de contextos de desemprego, ganha corpo o número de catadores de materiais recicláveis na atualidade. Os catadores de materiais recicláveis representam uma ampla categoria laboral muitas vezes marginalizada, atravessada por preconceitos e estigmas, que carece de visibilidade e atenção de políticas públicas. A pesquisa objetivou compreender as trajetórias e experiências laborais de catadores de materiais recicláveis de uma associação. Foram entrevistados seis catadores de uma associação e os dados foram analisados através da análise de conteúdo. Os resultados mostraram que os catadores apresentam um discurso de satisfação com o trabalho que se contrapõe ao desejo de estar no mercado de trabalho formal e de ter a carteira assinada. Alguns problemas dificultam a organização da associação, como a falta de comprometimento e rotatividade dos membros. Pode-se concluir que a catação entra na vida dos sujeitos com vistas a atender uma necessidade imediata, qual seja a obtenção de renda para seu sustento, mas acaba se consolidando na vida dos mesmos.

Palavras-chave: trabalho; associação de trabalhadores; catadores de materiais recicláveis; precarização do trabalho; informalidade.

Abstract

Due to the increase of solid urban waste and unemployment contexts, the number of recyclable material collectors it's growing up today. The collectors of recyclable materials represent a wide category of labor, often marginalized, crossed by prejudices and stigmas, which lack public policy visibility and attention. The research aimed to understand the trajectories and work experiences of recyclable material collectors in an association. Six collectors from an association were interviewed and the data were analyzed through content analysis. The results showed that collectors present a discourse of satisfaction with their work that is opposed to the desire to be in the formal job market and to have a formal contract. Some problems hinder the organization of the association, such as the lack of commitment and turnover of members. It can be concluded that grooming enters the subjects' lives in order to meet an immediate need, which is to obtain income for their livelihood, but ends up consolidating themselves in the subjects' lives.

Keywords: labor; association of workers; collectors of recyclable material; precarious work; informal work.

Resumen

Debido al aumento de los residuos sólidos urbanos y los contextos de desempleo, el número de recolectores de materiales reciclables está tomando forma en la actualidad. Los recolectores de materiales reciclables representan una amplia categoría de mano de obra, a menudo marginada, atravesada por prejuicios y estigmas, que carecen de visibilidad y atención en las políticas públicas. La investigación tuvo como objetivo conocer las trayectorias y experiencias laborales de los recolectores de materiales reciclables de una asociación. Se entrevistó a seis recicladores de una asociación y los datos se analizaron mediante análisis de contenido. Los resultados mostraron que los recicladores presentan un discurso de satisfacción con su trabajo que se opone al deseo de estar en el mercado laboral formal y tener un contrato formal. Algunos problemas dificultan la organización de la asociación, como la falta de compromiso y la rotación de miembros. Se puede concluir que el grooming entra en la vida de los sujetos para satisfacer una necesidad inmediata, que es obtener ingresos para su sustento, pero termina consolidándose en la vida de los sujetos.

Palabras clave: trabajo; asociación de trabajadores; recolectores de material reciclable; trabajo precario; informalidad.

Introdução

A catação de materiais recicláveis pode ser refletida como uma atividade impulsionada a partir de três transformações urbano-sociais: o avanço tecnológico, o aumento do poder de consumo e o excesso de resíduos ocasionado pelo consumismo (Schneider, Costa, & Mesquita, 2017). Neste mesmo sentido, a atividade de catador de materiais recicláveis serve como atenuante para problemas como o desemprego (Arcain, Lopes, Rigon, & Silva, 2018) e o aumento dos resíduos sólidos urbanos (Lutinski, Neves, Quadros, Busato, & Ferraz, 2017), uma vez que gera ocupação e renda e possibilita um novo destino para o lixo, a reciclagem.

Apesar dos primeiros registros da atividade de catador datarem do século XIX (IPEA, 2017), os catadores tornaram-se realidade visível como força de trabalho apenas na década de 1980. O aumento no número de catadores aconteceu pela dificuldade das pessoas ingressarem e/ou permanecerem no mercado de trabalho formal, impulsionando a busca por trabalhos informais que lhes garantissem a obtenção de uma renda para seu sustento. A partir disso, um número considerável de sujeitos passou a viver da catação de materiais recicláveis e a atividade começou a receber atenção pública e reconhecimento como um problema social (Bosi, 2008).

A assimilação de aspectos positivos ao lixo e a sua ressemantização, isto é, quando o lixo passou a ser conceituado como reciclável (o que lhe conferiu valor social e econômico), estimularam a geração de políticas públicas de estímulo e apoio ao trabalho de catadores. Essa profissão no Brasil ganhou força mediante a instituição da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), em 2010, que se orienta para a formação de centros de triagem de material reciclável, direcionando à figura do catador um papel relevante no gerenciamento de resíduos sólidos urbanos (Silva, Nazari, Hernandez, Corrêa & Corrêa, 2018).

Com base nesse contexto, os “catadores de lixo” passaram a ser chamados de “catadores de recicláveis”. Esses trabalhadores deixaram de ser tratados por medidas higienistas e de repressão para serem tratados com políticas de estimulação ao trabalho e à organização de cooperativas de catadores (Carmo, 2008). Nesse contexto, o trabalho do catador de material reciclável aparece como um serviço de utilidade pública, resgatando

materiais que iriam ocupar maior espaço em aterros e lixões e que agora possuem valor econômico e social.

A ressemantização do lixo e o reconhecimento do papel do catador para o meio ambiente possibilitaram a aparição de um significado para a catação que vai além da satisfação das necessidades básicas do trabalhador e, conseqüentemente, oferecem um atenuante aos efeitos estigmatizantes desse trabalho. Há, inclusive, a incorporação desse discurso por parte dos catadores que fazem questão de ressaltar a importância ambiental de suas atividades. Todavia, ainda é possível identificar uma visão negativa do catador. Por trabalharem diretamente com o lixo, muitas vezes esses trabalhadores se sentem também tratados como tal (Sousa, Pereira, & Calbino, 2019).

Apesar de vivenciarem situações frequentes de discriminação e desvalorização, os catadores de materiais recicláveis compõem a base da pirâmide do processo de reciclagem e são responsáveis por quase 90% de todo o material reciclado no Brasil (IPEA, 2017). Dados do Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2012) apontam que 387.910 brasileiros trabalham como catadores. Corroborando a esse dado, Dagnino e Johansen (2017) apontam que o número pode subir para 398.348, ao se optar pela base de dados do Centro de Estudos da Metrópole (CEM) da Universidade de São Paulo. O Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), em 2014, também questionou os dados apontados pelo Censo de 2010, indicando pontos de discussão. Entre eles, destacou-se a invisibilidade de muitos destes trabalhadores aos técnicos do IBGE, bem como uma não identificação de mulheres catadoras a essa atividade, por considerá-la apenas complementar aos serviços domésticos. O mesmo Movimento, em 2019, indicou cerca de 800 mil catadores em atividade no país.

Estima-se que na região Nordeste do Brasil existam 116.528 catadores, com idade média de 38 anos, dos quais 34% são analfabetos e 29% são mulheres. Em geral, são pessoas com baixa escolaridade, idade avançada e com uma qualificação profissional inadequada frente aos padrões exigidos pelo mercado de trabalho formal (Braga, Lima, & Maciel, 2015; IBGE, 2012). Diante disso, são sujeitos que “tornaram-se trabalhadores sob o signo da informalidade” (Bosi, 2008, p. 108).

Percebe-se que os catadores de materiais recicláveis representam uma ampla categorial laboral (Dagnino & Johansen, 2017) muitas vezes marginalizada, atravessada

por preconceitos e estigmas (Braga, Lima, & Maciel, 2016; Sousa, Pereira, & Calbino, 2019), que carece de visibilidade e atenção de políticas públicas (Silva & Silva, 2018).

Objetivos

Diante do exposto, esta pesquisa teve como objetivo compreender as trajetórias e experiências laborais de catadores de materiais recicláveis de uma associação localizada em Fortaleza-CE.

Método

Participantes

A pesquisa aconteceu em uma associação de catadores de materiais recicláveis, em Fortaleza-CE. A Associação conta com cerca de 20 associados, que atuam realizando a triagem de material reciclável que chega a partir de doações feitas por diversas empresas privadas e órgãos públicos. No momento de realização da pesquisa, os 20 associados não conseguiam obter um salário mínimo mensal como renda.

Foram convidados e aceitaram participar da pesquisa seis catadores, sendo dois homens e quatro mulheres. A escolha dos participantes se deu por critérios de conveniência e sua quantidade foi definida segundo critérios de saturação. Optou-se por manter o anonimato dos participantes, bem como o da associação. Para isto, os participantes foram denominados Associado 1, Associada 2, Associado 3, Associada 4, Associada 5 e Presidente (da associação).

A idade dos participantes variou entre 26 anos e 53 anos. Três eram casados, dois separados e um solteiro. No que diz respeito a escolaridade, todos os sujeitos afirmaram ter frequentado a escola, porém nenhum deles chegou a concluir o Ensino Fundamental, o que demonstra baixo grau de escolaridade. Aquele que estudou mais tempo (Associado 1) cursou até a 7ª série e o que estudou menos tempo (Associada 2) estudou até a 1ª série. Sobre o tempo de trabalho como catador, apesar de alguns deles não saberem precisar ao certo a quantidade de anos que exerciam a atividade, quatro deles afirmaram que a exerciam há mais de 10 anos. Quanto ao tempo de trabalho na Associação, quase todos estavam no grupo há mais de 10 anos, excetuando-se o Associado 1 que estava há apenas dois meses.

Coleta e Análise de Dados

Para a coleta de dados, utilizou-se entrevistas semiestruturadas com questões formuladas a partir dos objetivos da pesquisa. As entrevistas foram realizadas na associação e de modo individual, sendo gravadas e posteriormente transcritas.

Para a análise dos dados, foi realizada uma análise de conteúdo temática (Bardin, 2011). A organização das categorias analisadas se deu com base em três etapas, de acordo com o proposto por Bardin: 1) Pré-análise – Organização prévia dos dados; 2) Exploração do material – Codificação dos dados colhidos a partir da Análise Categrorial, onde serão criadas categorias de análise temática; 3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação – Interpretação das categorias formuladas à luz de teóricos que corroboram a discussão. Para este trabalho, optou-se pela apresentação apenas das categorias finais, formuladas através da AC. No entanto, destaca-se que, para a obtenção desses dados, se fez necessário um processo de categorização inicial e intermediário, conforme orientado por Bardin (2011).

Foram ressaltadas algumas falas importantes obtidas nas entrevistas, divididas nas seguintes categorias: "Catação de material reciclável: uma alternativa de sustento via informalidade" e "Modos de organização coletiva: o trabalho na associação".

Aspectos Éticos

Obedecendo aos padrões éticos, esta pesquisa foi executada somente após sua devida aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, CAEE: 36897114.5.0000.5052. Antes do início da coleta de dados, os catadores participantes deste estudo foram esclarecidos sobre os objetivos e as condições de realização do trabalho e, uma vez tendo aceitado participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Antes da aplicação dos instrumentos de coleta de dados, foi feita, a cada participante da pesquisa, uma pequena introdução com algumas informações da pesquisa em termos gerais. Além disso, foi explicitado o caráter confidencial de sua identidade, assegurando-lhe assim a preservação de sua identidade. Durante as entrevistas, foram tomados os cuidados de não fazer várias perguntas em uma única questão, não introduzir

opinião na pergunta, não usar palavras complexas ou jargão profissional, não induzir ou sugerir uma resposta (Breakwell, Fife-Schaw, Hammond, & Smith, 2010).

Resultados e Discussão

Catação de material reciclável: uma alternativa de sustento via informalidade

Antes de iniciarem o trabalho de catação de materiais recicláveis, cinco, dos seis participantes da pesquisa, exerceram outras atividades laborais. Três das mulheres já trabalharam como domésticas em casas de família e os dois homens entrevistados já trabalharam como garis. Além disso, o Associado 1, também trabalhou como entregador e, o Associado 3, trabalhou como zelador de prédio residencial. Apenas a Presidente da Associação nunca trabalhou em algo que não fosse com a reciclagem. Apesar de terem tido outros trabalhos, somente os dois homens já tiveram a carteira assinada, o que aponta a precariedade da trajetória laboral principalmente das mulheres.

A reciclagem apareceu para os entrevistados como uma alternativa de sustento, frente à dificuldade de conseguir uma outra ocupação. Este foi o caso de quase todos os participantes, excetuando-se a Associada 5 que nunca catou material reciclável na rua e entrou na associação a convite de sua irmã, que é a Presidente. Corroborando achados de outras pesquisas (Bosi, 2008; Braga, Lima, & Maciel, 2015; Farias Filho, 2012; IPEA, 2017), a catação de materiais recicláveis apareceu para os associados “como alternativa escolhida pela falta de alternativas” (Meireles, 2014, p. 114).

A grande maioria dos catadores exerceu outra atividade laboral anteriormente, mas por questões de exigência do mercado e pela dificuldade de se estabilizar em um emprego, a catação apareceu como forma de sustento e obtenção de renda. Nesse sentido, a catação de materiais recicláveis não se apresentou como uma escolha, mas sim uma questão de necessidade e sobrevivência (Sousa et al., 2019). Segundo os entrevistados, foi preferível ter um trabalho precário do que não ter trabalho algum, pois a necessidade de obter uma renda para sobreviver apresentou-se como uma necessidade imediata a ser saciada.

Um dos associados contou que:

Eu comecei a trabalhar com reciclagem eu tinha 13 anos, hoje eu tenho 42 ne. (...) Aí comecei a trabalhar com reciclagem, até hoje ô trabalhando. Aí quando aparece algum serviço eu vou e faço, aí quando eu tô parado sem fazer nada eu pego a carrocinha e saio (...) Eu sou assim, eu topo qualquer serviço, boto boneco¹ não. (Associado 3)

Como o catador ganha por produção, o tempo livre era facilmente substituído pelo tempo de trabalho. Além disso, existia também a disposição à realização de múltiplos trabalhos e a disponibilidade para fazer o serviço que aparecer, de forma a garantir seu sustento.

Apesar de todos terem afirmado gostar do trabalho que fazem como catador, esse discurso se confundia com a procura por outro emprego, principalmente com carteira assinada:

Nunca assinei a carteira na minha vida, não sei nem o que é assinar carteira. Agora que eu tirei uns documentos e tô pensando em botar meus currículos por aí numa firma pra mim trabalhar de carteira assinada pra ver se eu trabalho aí com ao menos algum direito, porque eu to com 50 anos e sei nem o que é carteira assinada, quando chegar com 60 eu não me aposento! (Associada 5)

Não vou mentir não, não troco meu trabalho por trabalho de carteira assinada não. Eu tenho muita vontade de trabalhar de carteira assinada, pra mim sujar a carteira, porque eu tenho os documentos tudim, queria ao menos sujar a carteira, mas não troco meu trabalho de reciclagem por trabalho nenhum não. (Associada 4)

A fala da Associada 4 deixa transparecer uma contradição, pois apesar de afirmar que não trocaria seu trabalho como catadora por um trabalho com carteira assinada, no momento seguinte relatou seu desejo de ter sua carteira assinada. Esse discurso

¹ Expressão regional associada ao ato de “dar trabalho”.

contraditório que muitos catadores apresentam em sua relação com a catação de materiais recicláveis foi também discutido em outras pesquisas (Braga et al., 2015; Coelho et al., 2017), onde a catação é demonstrada através de sentimentos ambíguos de satisfação e sofrimento.

Apesar da fala acima, a Associada 4 contou sobre sua tentativa de se inserir no mercado de trabalho formal:

Já botei currículo em todo canto, já botei currículo nesse aeroporto, já botei currículo no Cometa, no Atacadão. Mas eu não tenho mais celular... não tem como eles entrarem em contato comigo, meu celular foi roubado... (Associada 4)

Como agravante, a Associada 4 afirmou não tem celular e que nem sabia se ao menos alguma das empresas onde colocou currículo tentou entrar em contato com ela, o que demonstrou pouca probabilidade de conseguir um trabalho deixando seu currículo nas empresas. Tal fato sinaliza o distanciamento que algumas camadas sociais, como os catadores, têm do mundo formal do trabalho e o quanto sua inserção nesse contexto é difícil e improvável (IPEA, 2017).

A baixa escolaridade de todos os entrevistados era, provavelmente, um grande empecilho para que conseguissem um emprego formal. Dos seis, aquele que estudou mais tempo cursou até a 7ª série (o que corresponde atualmente ao 8º ano). De acordo com Dagnino e Johansen (2017), a taxa de analfabetismo dos catadores é de 20%, aumentando de acordo com a idade da população. Em grupos etários de 20 a 29 anos e de 30 a 39 anos esse percentual é quase quatro vezes maior que o da população ocupada total. Segundo Lima (2010), as disparidades na formação, seja ela social, educacional, cultural ou econômica, provocam uma grande desigualdade social em termos competitivos, acarretando uma visível dificuldade que muitas pessoas enfrentam para se inserirem e se manterem no atual mercado de trabalho formal.

Em virtude do desemprego, alguns dos entrevistados encontraram, por meio de uma ocupação informal que é a catação de material reciclável, garantir um rendimento para seu sustento. Neste sentido, muitos trabalhadores acabam submetendo-se a situações abaixo do patamar mínimo estabelecido pela legislação social e trabalhista vigente

(Pochmann, 2009). As condições de muitos resíduos enviados para centros de triagem oferecem riscos à saúde desses trabalhadores ao proporcionarem o acesso à vetores físicos, químicos e/ou biológicos que possam propiciar acidentes ou contaminações. Além disso, condições físicas associadas à temperatura, poeira e posições incômodas também são fatores que retratam degradantes condições de trabalho (Silva et al., 2018; Moura, Dias, & Junqueira, 2018; Basso, & Silva, 2020). A desregulamentação de seus direitos trabalhistas acarreta uma preocupação a mais para os catadores, que, sem acesso à proteção social, se encontram expostos a diversos riscos e condições de trabalho precarizadas.

Modos de organização coletiva: o trabalho na associação

A profissão do catador, bem como seus modos de organização coletiva são marcados por heterogeneidades no que se refere à organização do trabalho (IPEA, 2017). Na Associação, os trabalhos realizados se dividiam, sobretudo, entre buscar o material recebido através de doações de empresas, separar o material reciclável existente no local para ser vendido à indústria da reciclagem e, no caso da gestão, ir às reuniões representando a Associação.

No dia a dia da Associação, na realização dos trabalhos e na divisão das tarefas, ficou evidente nas falas dos entrevistados a importância do papel que a Presidente ocupa para a Associação. Farias Filho (2012, p. 356) relata, em sua pesquisa sobre catadores de materiais recicláveis no Estado do Pará, Brasil, a “tutela e dependência dos catadores em relação a seus líderes”. Isto favorece a divisão dos trabalhadores entre aqueles que ocupam atividades administrativas e aqueles que se ocupam da produção (Lima, 2010).

A Presidente era a responsável pelas atividades administrativas do local, a principal representante da Associação e realiza outras funções, como a separação do material:

No dia a dia eu acompanho muito essas reuniões que acontecem, que sempre tem que ter a representante que sou eu, as vezes quando eu não posso ir é que eu encaminho um catador. Quando o negócio não é sério demais, eu encaminho um

catador pra ir no meu canto, porque os problemas daqui também sou eu que resolvo... aqui no dia a dia o trabalho não é de ficar trancado em canto nenhum, é de ficar trabalhando aqui mesmo, separando material, ensacando... eu não tenho paciência de ta aqui só olhando os outro trabalhar não. Já me acostumei na luta, minha luta é grande aqui. (Presidente)

Os catadores reconheciam diferenças e benefícios que adquirem pelo fato de trabalharem em uma associação em comparação com aqueles catadores avulsos (que não possuem vínculos com associações ou cooperativas). Eles afirmavam que:

Já viajei pra vários cantos, pra Belo Horizonte, Rio de Janeiro... através da reciclagem da Associação... Porque catador que é de reciclagem assim comum, de atravessador, não tem nem condição de ir! E aqui não, aqui a gente é cadastrado... (Associada 4)

Os catador que tão aí na rua, eles tão avulso, mas também quando a gente convida pra fazer parte da associação eles não querem, porque... porque quando eles trabalha na rua a gente sabe pra que é, eles querem dinheiro todo dia e a gente não tem. Eles vêm vender uma coisa e querem que a gente pague logo, porque tu sabe a maldita da droga... O nosso preço da associação é melhor do que o do deposeiro, porque eu tenho que valorizar eles catador que tão na ponta, são os trabalhadores, que traz o material pra cá, então o preço pro catador aqui é melhor do que qualquer depósito. (Presidente)

Como ressaltado nas falas, um dos benefícios de se pertencer à associação era a oportunidade de viajar pelo Brasil representando o movimento dos catadores. Catadores avulsos dificilmente teriam essa mesma oportunidade. Além disso, quando vendiam o material coletado para uma associação conseguiam negociar um preço melhor do que aquele oferecido pelos depósitos. Entretanto, a necessidade imediata de dinheiro fazia com que, mesmo assim, muitos catadores preferissem recorrer a depósitos.

No que se refere a questão das drogas, apontada na fala da Presidente, diversas pesquisas com catadores apontam para essa problemática (Santos, Maciel, & Matos, 2013, Silva et al., 2017), indicando que além dos problemas físicos acarretados pelo exercício da atividade em si, do sofrimento e da angústia pela insegurança do trabalho, havia ainda problemas relacionados ao uso de drogas que influenciavam a comercialização do material coletado e afetam a saúde do trabalhador.

Segundo Lima e Trindade (2018) a organização de catadores em cooperativas ou associações se dá mediante a buscas de renda, autonomia e reconhecimento social. Nesse direcionamento, Maciel et al. (2011) afirmam que o fato de ser vinculado a uma associação possibilita uma melhor identidade aos catadores, acesso a programas governamentais e de ONGs, certa proteção e apoio social. Tudo isso confere um sentimento maior de segurança quando comparados com catadores avulsos, cujas condições de vulnerabilidade são ainda maiores. Além disso, o maior acesso à compradores e maiores condições de armazenamento e conservação dos resíduos também são vantagens conferidas em detrimento à catação avulsa (Schneider et al., 2017).

No que se refere aos vínculos entre os associados, não foram demonstradas nas falas relações de companheirismo ou apoio entre os associados. Isso pode ser compreendido a luz do fato de que os associados pouco conviviam uns com os outros e por isso pouco se conheciam. Apesar da Associação contar com 20 associados, no período, no dia a dia eram poucos aqueles que compareciam com frequência ao local. O fato dos catadores estarem reunidos em torno de uma associação, em uma situação de autoemprego e de trabalho informal, pode impelir aos associados que cumpram um mínimo de horas e de atividades de trabalho (Teixeira, 2015).

A rotatividade dos associados também parece incomodar a Presidente que afirma: Os catadores são assim quando eles querem, eles tão trabalhando normalmente, aí dá fé se afasta, fazem um biquinho. Quando dá fé, corre pra cá de novo! Eu já disse, vamo acabar com isso, ou vocês fica aqui ou vocês fica lá. Porque aqui a gente precisa deles, pra ir buscar material, pra separar material, pra quando a gente for vender ter um pra ajudar a botar no transporte, então não dá pra ta pulando de galho em galho. (Presidente)

Além disso, a Associada 4 demonstrou insatisfação com a conduta de alguns associados, o que faz com que ela se afastasse do grupo:

Tem um negócio de umas piadinhas bestas, aí eu não, eu também sou muito ignorante também, não vou mentir, aí pra evitar confusão eu deixei de andar por aqui sabe (...) (Associada 4)

Parecia não existir uma frequência de muitos associados no local. Como demonstrado na fala dos participantes, transparecia uma insatisfação com a rotatividade e a falta de comprometimento de alguns. O sentimento de pertencimento, no sentido de identificação, compromisso, interesse pelas atividades e soluções de problemas (Torres & Vega, 2013) não apareceu em nenhuma das falas dos entrevistados. Outras pesquisas em associações e cooperativas de catadores também identificaram situações similares, como a não existência de um sentimento de pertencimento à associação que faziam parte (Tavares, 2013), problemas relacionados a comunicação, confiança, fofocas, intrigas, falta de conversa entre os associados (Coelho et al., 2017; Coelho, Beck, Fernandes, Prestes, & Silva, 2016; Rode, Stoffel, & Moura, 2021), falta de união e de compromisso com o trabalho (Teixeira, 2015).

Considerações Finais

Diante do exposto, ficou evidenciado que o trabalho dos catadores apareceu na vida dos sujeitos como uma possibilidade encontrada para aquisição de renda frente ao desemprego. Em alguns casos, a catação apresentou-se como uma atividade desenvolvida em paralelo a outras ocupações, por vezes menos precárias. O desejo de um dia ter a carteira de trabalho assinada também foi relatado por alguns, o que nos faz refletir sobre as possíveis representações sociais que os sujeitos têm em relação ao trabalho formal. A legitimação do trabalho por meio da carteira assinada parece ser uma questão importante por parte dos trabalhadores informais.

Pode-se refletir, pelo fato da maioria dos entrevistados ter exercido a atividade há mais de 10 anos, que a catação entrou na vida dos sujeitos com vistas a atender uma

necessidade imediata, qual seja a obtenção de renda para seu sustento, mas que acabou consolidando-se na vida dos sujeitos e prolongando-se por muitos anos.

Na associação, os catadores realizam sobretudo as atividades de buscar e separar o material reciclável, e representar a Associações em reuniões. Os entrevistados reconheceram algumas vantagens pelo fato de pertencerem a uma associação, mas demonstraram certo incômodo com a falta de comprometimento e a grande rotatividade entre os associados.

Foi possível ressaltar, no caso dos catadores, alguns problemas que dificultavam o exercício do trabalho na associação, como por exemplo: a baixa escolaridade dos catadores; a necessidade imediata de obtenção de renda, que fez com muitos deles preferiram recorrer a depósitos; a cultura heterogestionária de nossa sociedade que faz com que eles não se implicassem na gestão do negócio, deixando-a centralizada nas mãos de uma só pessoa; a escassez das relações e vínculos entre os associados que não estabeleciam entre si uma rede de apoio, uma vez que pouco se conhecem; a grande rotatividade de seus membros; entre outros.

O incentivo e a criação de associações de trabalhadores é importante, pois oferece a sujeitos afastados do mercado de trabalho formal uma oportunidade de aquisição de renda, possibilita que catadores vendam o seu material coletado por um preço melhor, valorizando desta forma o seu trabalho, proporciona a seus membros a oportunidade de viajar pelo Brasil e conhecer outros projetos de catadores de materiais recicláveis, entre outros. Porém, além de se incentivar a criação desses espaços, é importante que esses projetos recebam um acompanhamento contínuo, uma assistência frequente, pelo menos em seus anos iniciais, no sentido de capacitar os seus membros para o trabalho dentro de uma associação.

Como limitações do estudo, indicam-se pontos como a limitação do número de entrevistados, bem como a escassez de dados demográficos atualizados acerca dessa atividade no contexto brasileiro. Percepções de catadores relativas à ausência de uma carteira de trabalho assinada e às dinâmicas relacionais entre os membros deste tipo de organização podem ser elencados como sugestões para pesquisas futuras, a fim de aprofundamento destes achados.

Referências

- Arcain, J. R., Lopes, M. O., Rigon, S. A., & Silva, M. Z. (2018). Condições de vida: trabalho, saúde e alimentação de catadores de material reciclável na região metropolitana de Curitiba. *DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde*, 13(4), 1023-1039. <https://doi.org/10.12957/demetra.2018.37509>
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Basso, C., & Silva, I. M. M. (2020). ‘Já me acostumei’: interfaces entre trabalho, corpo e saúde de catadores de materiais recicláveis. *Trabalho, Educação e Saúde*, 18. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00283>
- Bosi, A. P. (2008). A organização capitalista do trabalho informal: O caso dos catadores de recicláveis. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 23(67), 101-116. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69092008000200008>
- Braga, N. L., Lima, D. M. A., & Maciel, R. H. (2015). “Não tinha trabalho, mas tinha reciclagem”: Sentidos do trabalho de catadores de materiais recicláveis. *Temas em Psicologia*, 23(4), 1051-1059. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.4-18>
- Braga, N. L., Lima, D. M. A., & Maciel, R. H. (2016). “Sobrevivendo só da misericórdia”: a vivência de catadores de materiais recicláveis. *CES Psicologia*, 9(1), i-xiii.
- Breakwell, G. M., Fife-Schaw, C., Hammon, S., & Smith, J.A. (2010). *Métodos de pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: Artmed.
- Carmo, M. S. F. (2008). *A problematização do lixo e dos catadores: Estudos de caso múltiplos sobre políticas públicas sob uma perspectiva foucaultiana*. Tese de Doutorado, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, SP, Brasil.
- Coelho, A. P. F., Beck, C. L. C., Fernandes, M. N. D. S., Prestes, F. C., & Silva, R. M. D. (2016). Risco de adoecimento relacionado ao trabalho e estratégias defensivas de mulheres catadoras de materiais recicláveis. *Escola Anna Nery*, 20(3). <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160075>
- Coelho, A. P. F., Beck, C. L. C., Silva, R. M. D., Prestes, F. C., Camponogara, S., & Peserico, A. (2017). Satisfaction and dissatisfaction in the work of recyclable

- solid waste segregators: convergent-care research. *Revista brasileira de enfermagem*, 70(2), 384-391. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0325>
- Dagnino, R. D. S., & Johansen, I. C. (2017). Os Catadores no Brasil: características demográficas e socioeconômicas dos coletores de material reciclável, classificadores de resíduos e varredores a partir do censo demográfico de 2010. In *Mercado de trabalho: conjuntura e análise* (pp. 115-125). Brasília: IPEA.
- Farias Filho, M. C. (2012). Rede de catadores de materiais recicláveis: Perspectivas para a organização da autogestão. *Administração Pública e Gestão Social*, 4(3), 341-364.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2012). *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [IPEA]. (2017). *A Organização Coletiva de Catadores de Material Reciclável no Brasil: dilemas e potencialidades sob a ótica da economia solidária*. Brasília: IPEA.
- Lima, J. C. (2010). Participação, empreendedorismo e autogestão: Uma nova cultura do trabalho? *Sociologias*, 12(25), 158-198. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222010000300007>
- Lima, M. E. A., & Trindade, I. B. (2018). O sentido do trabalho no contexto da atividade do catador de material reciclável. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 21(1), 33-43. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v21i1p33-43>
- Lutinski, J. A., Neves, L. M., Quadros, S. O., Busato, M. A., & Ferraz, L. (2017). Catadores de materiais recicláveis: perfil social e riscos à saúde associados ao trabalho. *Hygeia*, 13(24), 162-174. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/32351/20582>
- Maciel, R. H., Matos, T. G. R., Borsoi, I. C. F., Mendes, B. C., Siebra, P. T., & Mota, C. A. (2011). Precariedade do trabalho e da vida em catadores de recicláveis de Fortaleza, CE. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(no.spe.), 71-82.
- Meireles, G. F. (2014). O mercado informal da gestão de resíduos: Entre refugos precarizantes e refugos precarizados. In J. R. M. Leite, & G. P. N. Belchior (Orgs.), *Resíduos sólidos e políticas públicas: Diálogos entre universidade, poder público e empresa* (pp. 105-124). Florianópolis: Insular.

- Moura, L. R. D., Dias, S. L. F. G., & Junqueira, L. A. P. (2018). Um olhar sobre a saúde do catador de material reciclável: uma proposta de quadro analítico. *Ambiente & Sociedade, 21*. <https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc0107r2vu1811ao>
- Pochmann, M. (2009). O trabalho na crise econômica do Brasil: Primeiros sinais. *Estudos avançados, 23*(66), 41-52. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142009000200004>
- Rode, G. D. F., Stoffel, J., & Moura, G. S. (2021). Análise do perfil de catadores de materiais recicláveis do município de Laranjeiras do Sul, Paraná. *Interações (Campo Grande), 22*, 609-621.
- Santos, J. B. F. D., Maciel, R. H. M. O., & Matos, T. G. R. (2013). Reconquista da identidade de trabalhador por ex-detentos catadores de lixo. *Caderno CRH, 26*(68), 377-390.
- Schneider, A. F., Costa, R. P., & Mesquita, M. A. (2017). A atividade dos catadores de materiais recicláveis no Brasil: uma revisão bibliográfica. *ORG & DEMO, 18*(2), 105-120. <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2017.v18n2.08.p105>
- Silva, P. L. C., Nazari, M. T., Hernandez, J. C., Corrêa, L. B., & Corrêa, É. K. (2018). Dificuldades enfrentadas no cotidiano de trabalho em cooperativas de triagem de material reciclável. *Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental, 7*(2), 355-369. <http://dx.doi.org/10.19177/rgsa.v7e22018355-369>
- Silva, R. B., & Silva, R. M. A. (2018). Da crise institucional ao estado mínimo: o arrefecimento nas políticas públicas de inclusão socioeconômica de catadores e catadoras de materiais recicláveis. *Mercado de trabalho, 65*, 139-151.
- Sousa, R. R., Pereira, R. D., & Calbino, D. (2019). Memórias do lixo: luta e resistência nas trajetórias de catadores de materiais recicláveis da Asmare. *Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre), 25*(3), 223-246.
- Tavares, A. O. (2013). O trabalho dos catadores da associação Engenho do Lixo: Entre a necessidade econômica e o discurso da consciência ambiental. *Cadernos Gestão Social, 4*(1), 117-133.
- Teixeira, K. M. D. (2015). Trabalho e perspectivas na percepção de catadores de materiais recicláveis. *Psicologia & Sociedade, 27*(1), 98-105. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v27n1p098>

Torres, N. E. M., & Vega, C. J. M. (2013). Participación en organizaciones de base de un sector en el asentamiento humano Manchay del Distrito de Pachacamac. *Revista Liberabit*, 19(20), 259-275.